

Prefácio

Geralda Medeiros Nóbrega

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

NÓBREGA, GM. Prefácio. In: *Hermilo Borba Filho: Memória de resistência e resistência da história* [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2015, pp. 11-15. ISBN 978-85-7879-334-0. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

PREFÁCIO

LITERATURA BRASILEIRA DO NORDESTE: HERMILO BORBA FILHO, A MEMÓRIA E A RESISTÊNCIA

Luciano Barbosa Justino

Hermilo Borba Filho: memória de resistência e resistência da história merece ser saudado com muitos vivas, pois sua pertinência às relações entre literatura e interculturalidade, objeto desta Coleção, dá-se em muitas frentes.

Três grandes premissas estruturam este livro, todas pensadas numa perspectiva intercultural: 1. as culturas populares e seus produtos são modos de resistência às hegemonias culturais dos grupos dominantes; 2. a memória dos pobres e oprimidos é resistente porque é potência e produtividade, inclusive quebrando as hierarquias que tendem a privilegiar as produções culturais de elite; 3. nenhuma produção de linguagem se dá sem estabelecer constantes relações de diálogo, entre sistemas, classes e grupos.

Tudo isso pensado a partir da obra de Hermilo Borba Filho, que, na estratégia de leitura de Geralda Medeiros, transforma-se numa rede com múltiplas entradas e saídas, todas partindo e chegando nas culturas populares, atravessando o erudito e o massivo.

Fredric Jameson num de seus textos mais conhecidos, *O pós-modernismo e a sociedade de consumo*, sugeriu que uma das características marcantes de um tempo baseado numa nova lógica do capitalismo, que chamou de “tardio”, era o esmaecimento das fronteiras que separavam o erudito do cultural e do massivo.

Jameson compreende que a quebra de fronteira entre os diversos ramos de saber e seus supostos níveis assumia-se sob a predominância do pastiche, da mímica sem crítica, da citação apolítica, sem o viés desconstrutor da paródia, o *ethos* dominante no período moderno.

Geralda Medeiros faz uma leitura diferente do pressuposto do esmaecimento das fronteiras a partir de Borba Filho. Na obra de Borba Filho, ela mostra como a quebra das fronteiras culturais é uma forma de resistência, uma das palavras chave do livro, necessariamente política, logo fundamentalmente paródica e crítica longe do pressuposto pasticheiro da citação vazia que perdeu o riso demolidor.

Em Hermilo Borba Filho, a quebra das fronteiras democratiza os produtos do saber e desierarquiza os valores que tendem a julgar o texto pela sua maior ou menor filiação ao cânone artístico e a seus modos de legitimação. O texto se transforma, então, no *locus* por excelência da riqueza dos menos favorecidos, menos afeitos a demarcações excessivamente rígidas e a toda vez resistente a elas.

São 3 as entradas propostas, 3 estatutos da resistência: 1. Do texto; 2. Da cultura; 3. Da memória.

“A resistência do texto” é um capítulo metodológico, no sentido forte do termo. Nele, a autora expõe o caminho e seus pressupostos, sua bagagem. Texto e cultura são definidos aqui por uma espécie de explosão da semiose literária para muitas veredas, ao mesmo tempo que chama atenção para sua opacidade, para o irredutível da história e da vida nas deambulações da linguagem.

Demonstra, por outro lado, a seriedade com que Geralda Medeiros manipula, ilumina, no texto, os conceitos e os métodos da teoria da literatura e da análise literária.

É de grande relevância o conceito aberto, universalista, de Nordeste. Um Nordeste, no sentido haroldiano do termo, no qual os personagens e seus narradores estão inseridos numa configuração social e humana a qual não podem negligenciar, fazendo uso a toda vez do mágico, do fantástico, do nonsense.

A opacidade do Nordeste, sua resistência, negocia tanto com os movimentos do capital internacional em sua configuração brasileira quanto carrega “uma imagem de vida”, uma outra produtividade, fruto, ela própria de uma série de cruzamentos, que não permitem a redução a priori do Nordeste a uma configuração simples pensada lá atrás.

É este Nordeste constelar que chamo diabólico, mágico e real, palimpséstico e tradicional, barroco e nordestino. Trata-se de um Nordeste como potência de resistência, que tem na obra de Hermilo Borba Filho um autor paradigmático.

A forma própria desta resistência na contemporaneidade é a oralização da literatura, segundo a instigante sugestão de Edouard Glissant. Geralda Medeiros demonstra como na contística do escritor pernambucano a oralidade une vida e cultura, contextualiza os relatos, torna-os éticos e “moralmente ativos”, na medida em que o discurso e a história se refletem e se refratam continuamente, mas sem nunca deixarem de interagir.

A oralização do relato é a via linguagem da resistência porque através dela o texto “semiotiza” as muitas vozes dos oprimidos e o silêncio que lhes é imposto.

O segundo capítulo, “O popular e seus muitos”, demonstra como em Borba Filho o homem comum produz num contexto vivo que tanto conserva quanto transforma os hábitos e as tradições. A palavra hermiliana, compreendida à luz de Hodgart, Bakhtin e Voloshinov, traz o mundo fora do texto de uma maneira intencional, projetiva, repleto de tantas vozes e dizeres, verdades e mentiras, o direito e o avesso.

Outra não podia ser a palavra chave deste capítulo senão carnavalização. Cito: “Borba Filho, nas várias situações de um mundo

carnavalizado, apresenta ‘a palavra com seu tema intacto, a palavra penetrada por uma apreciação social segura e categórica, a palavra que realmente significa e é responsável por aquilo que diz”’.

Ela nunca é neutra, é sempre pluriacentual e plurivocal, de tal sorte que o palavrão e a ironia são as formas genuínas da resistência dos oprimidos que dotam a palavra de um substrato necessariamente ético-político, a carnavalização.

Na estratégia de leitura empreendida por Geralda Medeiros para a contística de Hermilo Borba Filho, o popular é metaficcional em 2 aspectos: por sempre refletir sobre o texto e seus processos de textualização, de modo a que o texto sempre se dobra sobre si mesmo ou sobre um outro texto que lhe serve de contraponto ou de reforço; e por inseri-lo sempre num espaço-tempo conscientemente traçado, com seus passados, suas utopias de futuro e seus condicionante atuais.

É como se pudéssemos dizer que a obra de Hermilo Borba Filho é um grande “romance histórico”, sem sê-lo exclusivamente. Por isso, é um dos mais importantes escritores contemporâneos que a autora chama de escritor de literatura brasileira do Nordeste, porque nele a região é sempre uma referência, não essencializada, aberta e pluralizante.

“Intertexto e resistência da memória” é o mais analítico dos capítulos. Considero-o um capítulo ecológico, na medida em que fecha, provisoriamente, uma espiral, expondo os pontos de contato, os nós entre os textos. Ecológico porque nele a estratégia de leitura mostra o que está entre, no interior e ao redor dos textos.

Sob muitos aspectos, ele culmina os 2 capítulos anterior, porque as palavras-chave retomam noutra base, intersemiótica e intercultural, agora sob o prisma do palimpsesto e da memória.

É nele que Geralda Medeiros toca em duas feridas do popular, o realismo e a cultura de massa. No interlugar do intertexto, todos se transformam.

Reconfigurado pelo mito e pelo baixo calão, o realismo, por sua relação indissociável com outros textos, já não é a utopia da

transparência do real, mas a semiotização de seus conflitos, de sua alteridade constitutiva.

Inserido o popular no turbilhão de vozes contemporâneas e não contemporâneas que perfazem a nossa época, quiçá todas as épocas, ele acaba de certo modo por confirmar a hipótese de Félix Guattari de que toda produção cultural está, direta ou indiretamente, sob as bases de uma cultura capitalística, em outras palavras, num contexto de culturas de massa. Geralda Medeiros demonstra isso ao elencar 16 tipos de textos encontráveis em *General está pintando*.

As muitas vozes encontradas pela autora fazem-se reencontrar com “as imagens da vida”, colocadas no singular no primeiro capítulo, agora sob a ótica da memória e da pulsão de morte.

O tópico que fecha o capítulo, *Um reino de outro mundo, itinerário da memória*, é antecedido da seguinte afirmação, que bem resume o projeto do livro: “contatar com escritores que investem na pesquisa para, através da captação da visão de mundo popular, munir a sua escritura de elementos que são a representação da identidade de personagens, fatos, ações e modos de ser, como guardião de memórias e vivências”.

Estimulante leitura, que cumpre um papel de certa urgência na idade dos pós e de vale tudo.